

Henrique Elias (Gestão 1994/1996)

Secretário: Nelson Neves Garcia

Tesoureiro: Miguel Roberto Soares Silva

Junta Fiscalizadora: Alexander Diniz, Moises Suslik e Clara Rosemblat

Henrique Elias iniciou na corretagem de seguros pouco tempo antes de o CCS-SP ser fundado, em 1972. Naquela época, apesar da efervescência dos movimentos políticos que lutavam contra o regime militar, ele se sentia mais motivado em defender os interesses da categoria. Embora ainda fosse iniciante na carreira, Elias era amigo de corretores de renome, como Antonio e Milton D'Amélio, José Francisco de Miranda Fontana, Petr Purm e, vez por outra, se reunia com eles para discutir questões de interesse da categoria.

Segundo Elias, o perfil e o conteúdo técnico desse grupo era justamente o que faltava ao sindicato naquela época. Por isso, surgiu a ideia de fundar um Clube de Corretores de Seguros para subsidiar o sindicato com informações e opiniões técnicas. “Éramos uma turma de corretores bastante técnicos e nossa ideia era levar ao sindicato as soluções para os problemas que afligiam a categoria, muitos dos quais relacionados à venda de seguro automóvel, que era então a maior fonte de renda dos profissionais”, diz.

Foi um período próspero para os corretores que atuavam em automóvel, segundo Elias. “O cliente não discutia preço e contava com a facilidade de poder pagar o prêmio em doze parcelas por meio de nota promissória”, diz. Mesmo assim, havia problemas que incomodavam os corretores. Os assuntos em pauta naquele tempo eram a venda de seguro em bancos; a falta de isonomia das seguradoras na relação com os corretores, os clausulados importados e outros.

Outra questão que ainda hoje assombra a categoria, o fim da corretagem de seguros, também era muito debatida. “Mas, nós tínhamos certeza de que não iria acabar. O corretor será sempre necessário”, afirma. Mesmo depois da fundação do CCS-SP, as reuniões ocorriam ora no Sincor-SP, ora em restaurantes do centro da cidade. Ele fala dessa fase com certo saudosismo. “No grupo, havia boas cabeças preocupadas com o futuro da categoria. Discutíamos muitos temas contemporâneos e entregávamos as conclusões para o sindicato tomar as providências políticas”, diz.

Com o passar dos anos, o Clube cresceu em importância e número de sócios, mas sempre com critérios. “Para ser aceito no Clube, o corretor deveria ser indicado por outro associado, ter bom conceito no mercado e ser sócio do Sincor-SP. Pertencer ao Clube era uma honra para qualquer corretor”, diz. Elias permaneceu no CCS-SP, ocupando cargos em algumas diretorias até chegar ao posto de mentor, em 1994, cumprindo seu mandato até 1996.

O ex-mentor revela que ele e os demais fundadores jamais imaginaram que o Clube pudesse ser tão longo. “Nenhum de nós imaginou que o Clube chegaria tão longe. Por isso, vejo que foi um trabalho bem feito, com muito esforço de todos”, diz.